

## Editorial: Paisagens de poder

*Editorial: Landscapes of power*

*Editorial: Paisajes de poder*

---

### Luciana Saboia F. Cruz \*

Universidade de Brasília; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Brasília (DF), Brasil.  
lucianasaboia@unb.br

### Carolina Pescatori C. da Silva

Universidade de Brasília; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Brasília (DF), Brasil

### Leandro de Sousa Cruz

Universidade de Brasília; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Brasília (DF), Brasil

### Maria do Carmo L. Bezerra

Universidade de Brasília; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Brasília (DF), Brasil

---

\* Autora correspondente.

---

## CRediT

**Contribuição de autoria:** Concepção; Supervisão; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: SABOIA, L.; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição: PESCATORI, C.; CRUZ, L. S.; BEZERRA, M. C. L.

**Conflitos de interesse:** Não se aplica.

**Financiamento:** Não se aplica.

**Aprovação de ética:** Não se aplica.

**Uso de I.A.:** Não se aplica.

**Editores responsáveis:** Daniel Sant’Ana (Editor-Chefe); Carolina Pescatori C. da Silva (Editora Associada); Leandro S. Cruz (Editor Convidado); Maria do Carmo L. Bezerra (Editora Associada).

---

## Resumo

No século XX, diversas cidades capitais foram projetadas e construídas com base em novos princípios de planejamento, sendo a paisagem um importante meio para esta nova configuração urbana. O urbanismo modernista, diretamente relacionado com as vanguardas artísticas e arquitetônicas, priorizou soluções para problemas urbanos através de arranha-céus, espaços verdes e de uma infraestrutura integrada tendo os sistemas de transporte no centro do debate. No entanto, muitas foram as críticas que apontaram a falta de consideração de aspectos sociais, ambientais e culturais, resultando em uma separação entre planejamento urbano e desenho urbano. Capitais como Canberra, na Austrália (1912); Ankara, na Turquia (1923); Chandigarh, na Índia (1947); Brasília, no Brasil (1957); Islamabad, no Paquistão (1959); e Abuja, na Nigéria (1974), exemplificam esse paradigma, mostram a sua distribuição no globo e apontam para a necessidade de mais estudos comparativos. Reflexões do Seminário Internacional *TOPOS – Landscapes of Power*, em 2022, levaram à criação de uma seção temática na *Revista Paranoá*, explorando temas como urbanismo, arquitetura, ecologia e engajamento social, vislumbrando novas perspectivas para o urbanismo contemporâneo e a equidade no planejamento urbano.

**Palavras-chave:** Cidades capitais; Cidades novas; Urbanismo Moderno; Urbanismo da Paisagem.

## Abstract

In the 20th century, several capital cities were designed and built based on new planning principles, with landscape being an important means for this new urban configuration. Modernist Urbanism, directly related to artistic and architectural avant-gardes, prioritized solutions to urban problems through skyscrapers, green spaces, and integrated infrastructure with transportation systems at the center of the debate. However, many criticisms pointed out the lack of consideration for social, environmental, and cultural aspects, resulting in a separation between urban planning and urban design. Capitals such as Canberra, Australia (1912); Ankara, Turkey (1923); Chandigarh, India (1947); Brasília, Brazil (1957); Islamabad, Pakistan (1959); and Abuja, Nigeria (1974), exemplify this paradigm, showing their distribution across the globe and pointing to the need for more comparative studies. Reflections from the *TOPOS International Seminar – Landscapes of Power*, in 2022, led to the creation of a thematic section in *Revista Paranoá*, exploring topics such as urbanism, architecture, ecology, and social engagement, envisioning new perspectives for contemporary urbanism and equity in urban planning.

**Keywords:** Capital cities; New towns; Modern Urbanism; Landscape Urbanism.

## Resumen

En el siglo XX, varias ciudades capitales fueron diseñadas y construidas sobre la base de nuevos principios de planificación, siendo el paisaje un medio importante para una nueva configuración urbana. El urbanismo modernista, directamente relacionado con las vanguardias artísticas y arquitectónicas, priorizó soluciones para problemas urbanos a través de rascacielos, espacios verdes e infraestructura integrada con sistemas de transporte en el centro del debate. Sin embargo, muchas críticas señalaron la falta de consideración de aspectos sociales, ambientales y culturales, lo que resultó en una separación entre la planificación urbana y el diseño urbano. Capitales como Canberra, Australia (1912); Ankara, Turquía (1923); Chandigarh, India (1947); Brasilia, Brasil (1957); Islamabad, Pakistán (1959); y Abuja, Nigeria (1974), ejemplifican este paradigma, mostrando su distribución en todo el mundo y señalando la necesidad de más estudios comparativos. Reflexiones del Seminario Internacional *TOPOS – Paisajes de Poder*, en 2022, llevaron a la creación de una sección temática en la *Revista Paranoá*, explorando temas como urbanismo, arquitectura, ecología y compromiso social, vislumbrando nuevas perspectivas para el urbanismo contemporáneo y la equidad en la planificación urbana.

**Palabras-clave:** Ciudades capitales; Ciudades nuevas; Urbanismo moderno; Urbanismo del paisaje.

## Editorial

Canberra na Austrália (1912), Ankara na Turquia (1923), Chandigarh (1947) na Índia, Brasília (1957) no Brasil, Islamabad no Paquistão (1959) e Abuja na Nigéria (1974) foram algumas das capitais planejadas no século XX segundo novos princípios de planejamento urbano. Muitas dessas novas capitais compartilhavam um entusiasmo pela paisagem como forma de configuração da urbe, mesmo que fossem motivados por condições distintas do ponto de vista político, econômico e geográfico. Entretanto, o projeto e o planejamento das cidades ditas modernistas foram constantemente percebidos como imperfeitos ou ineficientes em termos sociais, ambientais e culturais na crítica do desenho e do planejamento urbano. Tal parece ser um dos destinos do Urbanismo mesmo, a considerar a reflexão de Françoise Choay (2018) sobre a rapidez com que o campo foi criado e durante criticado.

As ideias modernistas, embora já estivessem circulando intensamente em circuitos intelectuais e artísticos desde as primeiras décadas do século passado – a ver pelo impacto dos “cinco pontos” de uma nova arquitetura de Le Corbusier nos anos 1920 e da Carta de Atenas elaborada a partir de 1933 – tornaram-se uma prática urbanística e arquitetônica hegemônica na segunda metade do século XX. O urbanismo modernista, desenhando e planejando novos assentamentos, definiu a paisagem como um meio de resolver problemas sanitários, congestionamentos urbanos e falta de moradia. Blocos de arranha-céus liberados da determinação formal dos lotes e quadras e assentados sobre pilotis, espaços verdes abertos, amplas plataformas e terraços foram construídos em integração com recursos naturais, topografia, infraestrutura, mobilidade e com a escala territorial.

As cidades novas da cidade moderna são consideradas singulares e distinguíveis na história por causa de suas condições políticas únicas, agendas sociais e econômicas e consideração pelos impactos ecológicos. Se por um lado, a paisagem aberta e a livre circulação significam uma agenda social mais igualitária, do outro, os espaços abertos planejados pelo modernismo são denunciados por serem vazios, silenciosos, homogêneos, sem identidade cultural, onde o ambiente planejado aumenta distâncias e sobrecarrega diariamente a vida cotidiana. Esses vazios e áreas verdes, ambos planejados, são comumente interpretados pelo planejamento de políticas como espaços desperdiçados, inúteis e perigosos, sem densidade ou centralidade.

Tal crítica começou a dissociar as políticas de projeto e planejamento urbano, porque os ambientes projetados eram considerados autoritários, elaboradas por decisões de cima para baixo, sem participação social. O resultado foi uma tendência para uma diferenciação e distanciamento entre as disciplinas do planejamento e do desenho urbano. Em vez de estudos multidisciplinares para políticas urbanas, as práticas de planejamento transformaram o desenho da morfologia urbana em planos diretores abstratos, legislação, indicadores e dados econômicos, sem avaliar o impacto em paisagens urbanas futuras. Tal prática também teve consequências na formação acadêmica e prática profissional, onde os ateliês foram completamente alienados das questões econômicas, sociais e ecológicas, dissociando a estética dos debates políticos.

Novas capitais planejadas foram bem documentadas e são geralmente aceitas como significativa artefatos urbanos históricos e recentemente parte do patrimônio mundial como exemplos do urbanismo moderno do século XX. Dessas capitais, Brasília e, recentemente, Chandigarh, têm a significativa especificidade de serem listadas como

Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1987 e 2016, respectivamente. Não obstante, as capitais modernas do século XX foram ainda pouco estudadas comparativamente entre si como experiências em transformação de planejamento e desenho urbano. Muitas vezes seus planos urbanísticos são tratados como objetos históricos, com foco somente nos erros e acertos de seus projeto originais.

Urgem considerações que desafiem consensos para reposicionar o olhar a essas cidades capitais da primeira metade do século XX nas escalas geográficas, territoriais e da paisagem. Depois de mais de meio século de construção, a vida cotidiana apropriou-se desses projetos originais e seus habitantes adaptaram-se a um novo modo de morar, o que traz à tona novas formas de entendimentos e interpretações para a discussão de teorias e metodologias de projeto até então negligenciadas ou menosprezadas pela crítica do planejamento urbano contemporâneo.

A partir das reflexões no primeiro I Seminário Internacional TOPOS – *Landscapes of Power: Reconsidering the Twentieth Century Capital Cities*<sup>1</sup>, o qual contou com a participação de pesquisadores dos cinco continentes, a *Revista Paranoá* abriu uma chamada específica. A seção temática de artigos originais intitulada “Paisagens de Poder: Projeto, Arquitetura e Urbanismo em Cidades Capitais” trata de uma série de abordagens que incluem temas sobre urbanismo, arquitetura, ecologia e envolvimento social e proporciona uma leitura que nos leva a imaginar possibilidades futuras para reconsiderar o urbanismo contemporâneo e o papel da equidade no projeto e no planejamento urbano.

## Referências

- CHOAY, Françoise. **O urbanismo: utopias e realidades**, uma antologia. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigo. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018. (Coleção Estudos; 67).
- GORDON, David (ed.). **Planning twentieth century capital cities**. Londres: Routledge, 2006.
- GOROVITZ, Matheus. **Brasília: uma questão de escala**. São Paulo: Projeto, 1985.
- SABOIA, Luciana; LASSANCE, Guilherme; PESCATORI, Carolina; CAPILLÉ, Cauê. Brasília e a possibilidade de um urbanismo não utópico. **Oculum Ensaios**, [S. l.], v. 19, p. 1-16, 2022. DOI: 10.24220/2318-0919v19e2022a5273. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5273>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- SECCHI, Bernardo. **A cidade do século vinte**. Tradução: Marisa Barda. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Coleção Debates; 318).
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de. **Territorios**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- TAFURI, Manfredo. **Projecto e utopia: arquitectura e desenvolvimento do capitalismo**. Tradução: Conceição Jardim; Eduardo Nogueira. Lisboa: Presença, 1985. (Coleção Dimensões; 16).

---

<sup>1</sup> Ver documentação do seminário no endereço eletrônico do grupo de pesquisa TOPOS – *Paisagem, Projeto e Planejamento*. Disponível em: <https://www.topospaisagem.org/toposseminar>. Acesso em 2 abr. 2024.

TREVISAN, Ricardo. **Cidades Novas**. Brasília: EdUnB, 2020. Disponível em:  
<https://doi.org/10.26512/9786558460411>. Acesso em: 5 mar. 2024.

WAISMAN, Marina. **La estructura histórica del entorno**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1977.

WALDHEIM, Charles. **Landscape as Urbanism: a general theory**. Princeton: Princeton University Press, 2016.